

a ferro, chibata e dizimação de populações negras escravas indefesas e de trabalhadores assalariados infimamente remunerados em sua maior parte foi a tônica de nossa formação econômica. Riqueza em mãos de tão poucos pelo sacrifício de milhões em arduíssimo trabalho, criadores de fortuna alheia ostentatória e pobreza para si. Foi o que nos construiu no que somos e fez a distribuição de rendimentos brasileira ser em forma de pirâmide tal como hoje é. As passagens em que isso fica claro são muitas ao longo da obra, todas expostas com minudências em que aqui segue uma pérola. No comércio de escravos, examinava-se em pormenor cada peça antes de comprá-la e se houvesse alguma enfermidade oculta, desconhecida no ato da compra pelo adquirente, a venda se anulava. E contra o vendedor poderia se diligenciar ação criminal, como aparecia publicado nos jornais da época. E quanto aos colonos em parceria, praticava-se um complicado ardid de contabilizações para lhes diminuir a parcela de lucros no cálculo da produção obtida de café. O contrato rezava que ao colono correspondia metade do lucro, porém este somente era apurado após dedução de custos de beneficiamento, transporte, vários tipos de impostos, comissões. Cálculos realizados pelo proprietário que não eram acompanhados em sua inteireza pelos colonos que por consequência muitas e muitas vezes se sentiam enganados e roubados. O recebido mal servia para cobrir as dívidas levantadas com os proprietários que financiavam a vinda do trabalho livre da Europa. Sem contar a tremenda instabilidade das safras, ora em vacas gordas que poderiam virar subitamente para anos de vacas magras. E a família do imigrante era responsável em solidariedade pela dívida de um de seus integrantes. Os contratos firmados em parceria foram uma frustração.

A professora Emília Viotti da Costa produziu esse trabalho estupendo, com lupa, dado o detalhe como fez visita à extensa bibliografia, no acuro da pesquisa, em que cada novo capítulo traz uma surpresa, com a atenção principal centrada na descrição do trabalho social de milhões de seres humanos, na maneira de ser feito, como foi organizado, para quem foi feito, quem o fez e quem o desfrutou. Realmente entra com o pé direito para as obras clássicas que discutiram o complexo tema da formação econômica brasileira. Ao término da leitura, senti um arrependimento e confessei para comigo: -Por que não li isso antes?

Mas, outro caminho também de conhecimento poderá ser trilhado com muito menor esforço. Basta ligar a televisão, na hora do Jornal Nacional ou congêneres a torto e a direito do jornalismo comercial, ligeiro e vulgar, a fim de esperar o que deverá ser pensado, comentado e dito para o dia seguinte nas conversas do cotidiano. Assim é o saber popular, de pobres, remediados e ricos que se considera na mais alta conta.

REFERÊNCIAS

VIOTTI, E. V. da. **Da senzala à colônia**. 2. ed. São Paulo: Livraria Ciência Humanas, 1982. 493p.

A **JANELA ECONÔMICA** é um espaço de divulgação das ideias e produção científica dos professores, alunos e ex-alunos do Curso de Ciências Econômicas das Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba.

- Cada artigo é de responsabilidade dos autores, e as ideias nele inseridas não necessariamente refletem o pensamento do curso.

- O objetivo deste espaço é mostrar a importância da formação do economista na sociedade.